



**THEATRE AND ITS AUDIENCES
REIMAGINING THE RELATIONSHIP IN TIMES OF CRISIS**

KATE CRADDOCK E HELEN FRESHWATER

London, New York, Methuen Drama, 2024, 210 pp.

MAIS LONGE DO PALCO, MAIS PERTO DO PÚBLICO O TEATRO EXPANDIDO DEPOIS DA PANDEMIA

GUSTAVO VICENTE

CENTRO DE ESTUDOS DE TEATRO DA FACULDADE DE LETRAS
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA (CET-FLUL)

I. Este livro debruça-se sobre o efeito da pandemia na relação entre a prática teatral e o público, tomando como base de inspiração a experiência pessoal das autoras. Não tanto com o objectivo de testemunhar o impacto traumático da crise – incluindo o temor profético pelo fim do teatro –, mas para dar conta das necessidades e oportunidades de transformação que a mesma abriu, de forma incontornável, no contexto da produção e curadoria artísticas. A motivação de Kate Craddock, fundadora do festival GIFT^[1], e de Helen Freshwater, leitora de Teatro e Performance na Newcastle University, é clara: lutar contra o esquecimento de quase dois anos de intenso questionamento, re-problematização e adaptação compulsiva do papel do teatro na sociedade. Foi sob este impulso eminentemente político que, durante o Inverno de 2022, as autoras escreveram *Theatre and its audiences: reimagining the relationship in times of crisis* – num tempo, portanto, em que

[1] Gateshead International Festival of Theatre.

conseguiam fazer coincidir a memória ainda fresca da crise com as mudanças estruturais ao nível dos processos de criação e dos circuitos de distribuição artística que, nessa altura, já se tornavam visíveis.

“Dark festival” [Festival sombrio] é o termo a que recorrem metaforicamente para cunhar a prática teatral durante o quadro de confinamento, recuperando o conceito de “Dark play” [Teatro do obscuro]^[2], de Richard Schechner^[3], para caracterizar o risco associado aos encontros ao vivo e à sombra de mortalidade na qual as artes performativas ficaram imersas nesse intervalo significativo de tempo. No livro, esta imagem é importante, principalmente, para dar a ver a correspondência do teatro com o contexto social no qual se move (como um festival); ao mesmo tempo que contribui para denunciar os equívocos inerentes à consideração da pandemia enquanto mera aberração isolada e negligenciável no rumo encadeado da história. É com base nesta urgência em contextualizar o teatro pós-Covid que Craddock & Freshwater constroem a sua argumentação, apoiando-se no percurso histórico do género para confrontar as alterações em curso na prática contemporânea. Este exercício não se prende tanto com o objectivo de definir uma nova ontologia teatral (embora se abordem alguns dos seus alicerces conceptuais), mas com o de imaginar futuros possíveis mais justos e de maior cumplicidade no plano de relação entre as instituições culturais, os artistas e o público.

Tal como alertado logo na introdução, o livro apresenta uma perspectiva vincadamente situada, uma vez que se baseia na voz de duas britânicas, com profissões de interesses específicos no panorama das artes performativas, assentes em geografias locais também elas

[2] Traduções minhas.

[3] Richard Schechner (2022), *Performance studies: an introduction*, London and New York, Routledge.

contingentes e recorrendo a um universo de conhecimento artístico centrado essencialmente no Reino Unido. Este reconhecimento ajuda a colocar em contexto a visão das autoras, que, assim, convidam os leitores ao diálogo complementar, contraditório ou simbiótico que possam traçar com outros olhares sobre o tema, em especial aqueles que operam fora da cultura de produção ocidental. Do meu ponto de vista, firmado a partir da perspectiva de um português mais habituado a olhar para o universo teatral de tradição europeia, o livro insinua-se de forma simultaneamente intemporal (uma vez que aborda a condição histórica do teatro) e actual – na medida em que identifica, de forma perspicaz e empática, o choque social, político e estético da pandemia nas artes performativas.

II. Ao nível formal, as autoras optam pela construção de duas dimensões de observação, que se entrelaçam para gerar dois andamentos paralelos de leitura: uma pautada pelo rigor dos estudos de teatro e performance, através da qual se dá corpo a uma perspectiva histórica sobre os tópicos centrais em apreciação; e a outra ancorada em relatos pessoais do período de confinamento, que vão entrecortando o texto, como um diário de bordo. Embora se perceba a ideia de combinar os dois tipos de discurso para dar a ver a relevância dos laços afectivos nas dinâmicas de engajamento cultural, a sua correspondência nem sempre se torna evidente, criando um efeito, por vezes, disruptivo na cadência de envolvimento dos leitores. Mas talvez esse seja o preço necessário a “pagar” para se manter viva a rede intrincada de memórias psicológicas, físicas e materiais que se inscreveram, irremediavelmente, na relação das pessoas com o teatro. Muito especialmente quando analisadas a partir de uma lente eminentemente académica que, por tradição ontológica, tende a desobstruir a visão – e o pensamento – de tudo quanto possa ser considerado supérfluo, ou menos concreto, na análise redutora dos factos.

É a partir desta tensão discursiva que as autoras abordam, ao longo do livro, as questões que consideram mais terem sido afectadas pela pandemia e que estão na base do quadro de transformação social e estética da produção e recepção teatrais. Assim, o primeiro capítulo interpela o potencial do teatro para gerar experiências temporais diferentes, analisando os factores de duração, velocidade e intervalo à luz da intensificação do uso das tecnologias (especialmente os ligados à comunicação à distância) e, de uma forma genérica, da urgência da crise climática e do tempo acelerado imposto pelas forças de acção colonialista. O segundo capítulo trata das questões referentes ao papel do espaço para gerir os binómios exclusividade/inclusividade, intimidade/distanciação, transparência/exposição e espaços convencionais/alternativos – em particular face aos novos hábitos comportamentais de distanciamento social. No terceiro capítulo, com base no reconhecimento da relação histórica do teatro com a tecnologia, aborda-se o efeito desta última em questões tão prementes como o isolamento social e a acessibilidade, trazendo à tona a discussão entre a experiência em tempo real (*liveness*) e a impressão de co-presença – dois conceitos usualmente considerados em parilha, mas cujo entendimento ganha contornos diferentes (e mais complexos) em função das práticas desenvolvidas na pandemia. No quarto capítulo, discute-se a importância acrescida das formas de comunicação, tanto as que são realizadas no contexto dos processos de criação como as agenciadas pelas organizações de produção e curadoria, reconhecendo a diversidade de estratégias de envolvimento e a maior consciência das necessidades de acesso, responsabilidade e cuidado (*care*) na relação com o público.

Esta viagem reflexiva sobre a influência da pandemia nas condições de gestão e agenciamento temporal, espacial, tecnológico e comunicativo no seio do teatro pretende cobrir, sobretudo, os aspectos relativos à forma como a diversidade da prática das artes performativas

se adaptou para se aproximar social e culturalmente das suas audiências. A reflexão em apreço não esgota, claro está, o alcance da crise pandémica nas artes performativas, nomeadamente quando pensada à escala do seu impacto nas políticas culturais. De fora ficam, também, para dar mais um exemplo, as questões referentes à forma como afectou os planos dramáticos de composição artística, especialmente em face de um futuro cada vez mais distópico. Mas isso não retira mérito nem legitimidade ao livro – até porque é muito provável que não tenha passado tempo suficiente para que este tipo de repercussões se distinga de forma clara. Pelo contrário, ao manter o seu foco nas circunstâncias imediatamente verificáveis – incluindo as que advêm da experiência vivida do quotidiano –, Craddock & Freshwater dão a ver, de forma lúcida, o quanto o teatro já mudou e o quanto ainda está por mudar.

III. A opção por não fechar o livro com uma conclusão é, talvez, a demonstração mais evidente do quanto as autoras reconhecem o processo de viragem em curso e do quão precipitado se revelaria dar um corpo finito à discussão sobre o efeito da crise pandémica – especialmente face à incerteza quanto ao seu impacto de longo prazo num campo artístico, atavicamente vulnerável à instabilidade dos campos social e político. Em vez disso, Craddock & Freshwater projectam no derradeiro quinto capítulo aquilo que vislumbram ser o futuro iminente do teatro, dando voz à especulação optimista, mas nem por isso irrealista, de um novo padrão de relação com o público: pautado por uma maior abertura, inclusividade, cuidado e transparência – aos quais se deve juntar o diálogo constante com os aspectos da sustentabilidade e maioria global. Um desejo, no fundo, que procuram infundir nas áreas académica, artística, curatorial e governativa – às quais o livro se dirige de forma igualmente pertinente, em reconhecimento da teia de relações que compõe o território de actuação das

artes performativas. Um livro a visitar, portanto, por uma miríade de leitores que vão desde os estudantes e investigadores em estudos artísticos a todo o tipo de agentes culturais e curiosos interessados em olhar para o teatro enquanto fenómeno social.

Ao focar-se, acima de tudo, nas necessidades abrangentes do público, finda a leitura do livro, pode ficar-se com a impressão de que o teatro caminha na direcção de uma prática mais polida e higienizada no terreno da esfera pública. Nada, no entanto, que assuste quem se habituou a discernir no teatro o espírito subversivo e desestabilizador que, ao longo da sua história, o tem impelido amiúde a renovar-se – mesmo que isso signifique recomeçar sob outras formas, outras audiências e outros nomes. Mesmo que isso obrigue a exercícios mais ou menos regulares de re-imaginação.

+++

SINAIS DE CENA

SÉRIE III NÚMERO 3
NOVEMBRO DE 2024



GUSTAVO VICENTE

